

CONCRETOS

UMA leitora um pouco ingênua me escreve para pedir conselho. Supõe que eu entendo alguma coisa de pintura e que saber o que penso da arte concreta, arte abstrata, essas coisas. Não me indique, por favor, o nome de algum crítico; quero é uma opinião sua mesmo, porque você pelo menos tem a vantagem de escrever com clareza, de um jeito que a gente entende. Que achou da exposição de arte concreta no Ministério de Educação?». 1000

Da exposição não achei nada, porque não vi. Estava anunciado que ela ficaria aberta até o fim do mês, de modo que não me apressei a ir ver. Afinal um dia saí de casa especialmente para isso, mas quando cheguei ao Ministério havia uma exposição de escotismo ou coisa que o valha; fui logrado. Dos poetas conheço Ferreira Gullar, que muito admiro, mas só conheço d'ele alguns poemas mais antigos. Apenas folheei, em casa de um amigo, um livrinho de poemas concretos. A coisa era feita por rapazes visivelmente talentosos — acho que Pignatari era um deles — mas não me impressionou; pareceu-me alguma coisa situada entre a arte e o jôgo. Se quer minha opinião sincera direi isso: acho que essa moda não vai durar muito.

Dos pintores concretos direi que há tempos vi alguns quadros de Ivan Serpa que me pareceram muito bons — não por serem concretos (eram) mas porque me agradaram como desenho, cor, composição. Ivan Serpa chama de imbecil um artista jovem que hoje se meta a fazer figuras. Não creio que êle tenha razão. A figura humana, por exemplo, é tão variável em si mesma e tão emocionante para o homem, que ela sempre será um grande motivo para a arte. Compreendo e respeito o caminho de um artista que se cansou de fazer figuras e resolveu se exprimir através de fórmulas geométricas. Cada um faça o que lhe agrada mais, e sempre valerá alguma coisa tudo o que fór feito com sinceridade e sabedoria. Creio mesmo que é normal essa oscilação da arte — ora se agarrando mais à vida, ora se satisfazendo mais a si mesma, obedecendo à pura lógica de seus meios. Isso é fácil de sentir, mesmo dentro da obra de cada artista, seja êle de que tendência fór — há dias em que êle está mais gente, há dias em que êle está mais pincel, e o grande dia é quando êle está muito pincel e muito gente. O concretismo sem dúvida enriquecerá a pintura, como um todo; mas empobrecerá, pela sua dura limitação, muitos pintores. Que o bom Volpi chegue ao concretismo através de seus últimos sobradinhos, isso me parece compreensível. Mas acho perigoso meter na cabeça dos artistas moços que êles devem começar pelo concretismo. Achei não somente bela, mas com algo de emocionante, a «Unidade Tripartite» de Bill, mas ainda penso que as formas da natureza, principalmente as humanas, são mais ricas e mais emocionantes que as que derivam da pura geometria.

Você está vendo, minha querida leitora, que não estou entrando no mérito da questão, e muito menos na análise da teoria dos concretistas; o que li a êsse respeito não chegou a me interessar deveras. Que quer?

Que os moços trabalhem em paz; e se êles usam de linguagem um tanto violenta para exprimir suas idéias artísticas e redescobrir o mundo e a arte, paciência. Não é o que êles dizem, é a obra que êles ainda vão realizar que lhes dará alguma importância — ou não. O essencial é que êles tenham liberdade e oportunidade, e os outros também. Quanto aos melhores dentre êles, direi que a melhor reação que sua arte despertará será a feita por êles mesmos, quando se cansarem do que estão fazendo; então cada um escolherá seu caminho pessoal, insensível à crítica e aos teóricos, e contará a sua verdade.